



## **TECENDO ‘MULHER MODERNA’: MODA, GÊNERO E PODE NA IMPRENSA ALAGOANA DURANTE A REDEMOCRATIZAÇÃO (1980-1986)**

Bruna Pereira da Silva <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho analisa as colunas de moda do suplemento *Mulher*, publicadas entre 1980 e 1986, no contexto da redemocratização brasileira. O suplemento seguia um modelo editorial muito parecido com os conteúdos veiculados nas revistas femininas da época. Longe de ser uma expressão fútil, a moda reflete disputas simbólicas, papéis de gênero e dinâmicas sociais, como aponta Diana Crane (2006). Nesse sentido, compreender a moda como prática cultural implica reconhecer seu papel enquanto linguagem social e política que opera na constituição de subjetividades e na reprodução de normas sociais. As roupas, estilos e padrões estéticos comunicam mais do que gostos individuais — expressam pertencimentos, resistências e exclusões.

Este estudo parte do entendimento de que a moda é atravessada por múltiplos marcadores sociais, como classe, gênero, raça e sexualidade, o que exige uma abordagem interseccional e crítica. A pesquisa tem como objetivo compreender como o discurso estético veiculado nas colunas de moda do suplemento *Mulher*, vinculado à *Gazeta de Alagoas*, refletia e tensionava os valores da chamada "mulher moderna" no período pós-ditadura. Trata-se de um trabalho que considera a moda como uma prática cultural e um campo de significados atravessado por classe, gênero, sexualidade e etnia, conforme discutido por autoras como Diana Crane (2006), bell hooks (2019) e Lélia Gonzalez (2020).

### **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A pesquisa se baseia em análise documental e iconográfica das edições do suplemento *Mulher*, publicado pela *Gazeta de Alagoas* entre 1980 e 1986. Foram analisadas seções de moda e beleza, com atenção especial às imagens e aos textos que promoviam determinados estilos de vestir, comportamento e corporalidade. Para a análise das imagens, utilizei a proposta metodológica de Peter Burke (2017), que propõe a leitura das imagens como evidência histórica e cultural. No campo teórico, recorro às contribuições das teorias feministas interseccionais de bell hooks (2019), Lélia Gonzalez (2020) e Patricia Collins (2017), assim como aos estudos sobre moda de Diana Crane (2006) e Carol Barreto (2024). A análise parte da perspectiva de que as revistas femininas atuam como dispositivo pedagógico e ideológico, como sugerem Maria Thereza Santos Cunha e Laura Peretto Salerno (2011), sendo capaz de moldar percepções

<sup>1</sup> Bruna Pereira da Silva, mestrandona Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS/UFAL). Email:bruna.hist.pereira@gmail.com. Bolsista Fapeal.





sobre corpo, identidade e pertencimento. A abordagem considera ainda a noção de hegemonia conflitante, desenvolvida por Douglas Kellner, discutida por Diana Crane (2006), como chave para compreender os discursos contraditórios presentes nas publicações.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O suplemento *Mulher* incorporava elementos contraditórios. Ao mesmo tempo em que divulgava uma imagem de liberdade e modernização feminina, reforçava estereótipos de gênero e promovia um ideal branco e burguês de beleza. As colunas de moda frequentemente exaltavam o conforto, a liberdade de movimentos e o uso de roupas associadas à modernidade, como jeans, minissaias e macacões. No entanto, também reafirmavam que essas mudanças deveriam manter a mulher dentro dos padrões de feminilidade e atratividade heterossexual.

Há um destaque especial para o uso da moda como linguagem de liberdade no contexto da redemocratização, como se percebe em matérias sobre biquínis e estéticas "ousadas". Por outro lado, a presença de mulheres negras nas colunas era mínima e, quando apareciam, eram associadas a termos como "exótica" ou ligadas a estereótipos racializados, como aponta Custódio (2005).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As colunas de moda do suplemento *Mulher* entre 1980 e 1986 revelam como a moda funcionou como um campo de negociação entre passado e futuro, conservadorismo e modernidade. Ao mesmo tempo em que apontavam para uma estética de liberdade, ainda reproduziam exclusões baseadas em gênero e raça. A moda, nesse contexto, aparece como uma imagem dialética, um ponto de encontro entre resistência e domínio, como indicava Walter Benjamin.

Além disso, observamos que a moda atuava como uma linguagem política sutil, refletindo os anseios por transformação social no processo de redemocratização, mas também reproduzindo estruturas simbólicas herdadas do autoritarismo e do patriarcado. A presença rarefeita de corpos negros e as imagens que reforçavam estereótipos mostram os limites da representação nesse espaço midiático. Ainda assim, os pequenos deslocamentos estéticos e discursivos que permitiram vislumbrar outras possibilidades de feminilidade apontam para a complexidade da moda como campo de tensões.

Dessa forma, compreender a moda como campo simbólico e como prática cultural é essencial para acessar camadas mais sutis da história, pois ela registra tanto os conflitos quanto às tentativas de emancipação. Isso amplia as possibilidades de análise crítica das relações entre mídia, estética, gênero e poder, especialmente em momentos de transição política como a redemocratização brasileira.

**Palavras Chaves:** Moda, Gênero, Redemocratização, Suplemento Mulher, Estética.

## REFERÊNCIAS





BARBOSA, Everton Vieira. Entre métodos e práticas: as fontes históricas aplicadas à moda como objeto de pesquisa. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 27–43, 2019.

Comentado [1]: Falta o mês de publicação.

BARRETO, Carol. *Modativismo: quando a moda encontra a luta*. São Paulo: Editora Paralela, 2024.

BENJAMIN, Walter. "O anjo da história, organização e tradução de João Barrento." *Belo Horizonte: Autêntica Editora* (2012).

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BONFIM, Adrícia Carla Santos. *União das Mulheres de Maceió (UMMa): uma abordagem interseccional das lutas das mulheres cisgêneras na abertura Maceió/AL (1970-1980)*. 2022. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

BRAGA, Amanda Batista. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: SciELO-Editora UNESP, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 6–17, 2017.

Comentado [2]: Falta o mês de publicação.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editorial Senac, 2006.

BARRETO, Carol. *Modativismo: Quando a moda encontra a luta*. Editora Paralela, 2024.

Comentado [3]: Falta o local de publicação

CUSTÓDIO, Meliza da Silva. Mulher negra: da inserção na história à inserção na propaganda. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília, v. 1/2, p. 37–49, 2005.

Comentado [4]: Falta o mês de publicação

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.





DICIO – DICONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Exótico*. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exotico/>. Acesso em: 6 maio 2025.

DUARTE, Tâmara Elizabeth do Nascimento. *Memorial Zumbi: o movimento negro e o I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares (1981)*. 2023. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LUCA, Tâmia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 197–214.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 320–335, set.–dez. 2014.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tâmia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SOIHET, Raquel. O corpo feminino como lugar de violência. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, n. 19, p. 211–230, 1999.

Comentado [5]: Falta o mês de publicação.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria; SCHIMDT, Benito Bisso (Org.). *(Re)Existências LGBTQIA+ e feminismo na ditadura civil-militar e na redemocratização do Brasil*. Maceió: Edufal, 2023. e-book.





VERAS, Elias Ferreira; SODÓ, Roberta dos Santos (Org.). *(In)Desejáveis: LGBTQIA+ e feminismo na imprensa de Alagoas (século XX)*. Maceió: Edufal, 2024.

VOGUE BRASIL. *Conheça a história do jeans: da criação do tecido na França aos dias atuais*. Vogue, Rio de Janeiro, 11 maio de 2021. Disponível em:

<https://vogue.globo.com/dossie/noticia/2021/05/conheca-historia-do-jeans-da-criacao-do-tecido-na-franca-aos-dias-atuais.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2025.

VOGUE BRASIL. *Minissaia: tudo sobre a peça subversiva que conquistou a moda*. Vogue, Rio de Janeiro, 1 ago. 2022. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/minissaia-tudo-sobre-peca-subversiva-que-conquistou-modam.html>. Acesso em: 7 maio 2025.

